

5/7/94

31

SERMAM
DO ESPOSO
DA
MAY DE DEOS
S. JOSEPH
NO DIA DOS ANNOS DELREY
NOSSO SENHOR
D. JOAM IV.

Que Deos tem em gloria.

Prégou o na Capella Real o R. Padre

ANTONIO VIEJRA

DA COMPANHIA DE JESU

Prégador de S. Magestade.



EME VORA

Com as licenças requizitas. Na Officina desta Universidade
Anno de 1659.

u. 2. 12.

SER MAM

DO ESPOSO

DA

MAY DE DEOS

S. JOSEPH

NO DIA DOS ANOS DE REY

NOSSE SENHOR

D. JOAM IV.

Que Deos tem em gloria.

Prætor e na Capella Real o R. Padre

ANTONIO VIEIRA

DA COMANHIA DE JESU

Prætor de S. Miguel.

EM EVORA

Com a licençia e approvacao da Officina della Universidade

Anno de 1739.

1739

SONHOU Joseph (mui altos, & mui poderosos Reys, & Senhores nossos) sonhou Joseph, *Gen. 37.* o que depois foi Vizorrey do Egypto, que o Sol, a Lua, as estrellas abatendo do Ceo a terra a magestade luminosa de seus resplandores, humildemente postrados o adoravam. Quis interpretar este sonho seu pay, & disse, que elle Jacob era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubem a Benjamin as estrellas, & q̄ viria tempo a Joseph, em que Deos o levantaria a tam soberana fortuna, que seu mesmo pay, sua mãy, & seus irmãos com o juelho em terra o adorassẽm. Os Doutores çommummente tem esta interpretação do sonho por verdadeira; mas o certo he que h um Joseph foi o que sonhou, & outro Joseph foi o sonhado. O Joseph que sonhou foi Joseph o filho de Jacob; o Joseph sonhado foi Joseph o esposo de Maria. O Joseph filho de Jacob sonhou sōmente; porque ainda que digamos, que em seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he certo q̄ em Rachel sua mãy lhe faltou a adoraçã da Lua, porque quãdo Jacob, & seus filhos adorarão a Joseph no Egypto jã era morta Rachel, & ficava sepultada em Belem. Segue-se logo, que o Joseph verdadeiramente sonhado foi Joseph o esposo de Maria, porque nelle se comprirão cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a Joseph o Sol porque a titulo de fogação filial lhe guardou reverencia, & acatamẽto o mesmo Sol de Justiça Christo: *Et erat subditus illis*: Luc. 2. adorou a Joseph a Lua, porque o titulo de verdadeira esposa lhe deveo obediência, & amor aquella senhora, que he como a Lua fermoza: *Pulchra vt Luna*: Cãt. 6. adorarão a Joseph as Estrellas porq̄ o titulo, ou reputaçã de pay de seu Mestre o respeitaram com grãde veneraçã os Apostolos, aquelles de quem dis o Spirito Santo: *Fulgebunt quasi stelle in perpetuas aternitates*. Dan. 12. E quando sō a Virgem Maria adorasse a Joseph seu esposo, nesta sō adoraçã se compria todo o sonho inteiramente; porque nella o adorava o Sol, nella

a Lua, e ellas as Estrellas: o Sol, *Mulier amicta Sole*, a Lua, *Luna sub pedibus ejus*, as Estrellas; & *in capite ejus corona duodecim Stellarum*. Apoc. 12.

Este he S. Joseph, senhor, & este he o soberano Planeta, que predominou neste fermozo dia, dia em q̄ com o felicissimo nascimento de V. Mag. naceu outra vez aos Portuguezes a esperança, ao Reyno a liberdade, & Portugal a sy mesmo. Justo era que ao nascimento de tam grande, & novo Rey melhorasse suas constellagões o Ceo, & lhe assistissem novos, & mayores Planetas. Nos nacimentos dos outros Principes, & Monarchas do mundo, ou predomina o Sol, ou predomina a Lua, ou predomina algũa das Estrellas? mas neste nascimento singular, pera que fosse mais felice, que todos, predominou hum Planeta novo, & superior, a quem o Sol, a quem a Lua, a que as Estrellas adorão. Parecerá isto modo de fallar, & consideraçãõ sãõ minha, mas he doutrina muy assentada, não menos, q̄ desdo antiquissimo Tertuliano. Notou este grande Doutor, que os Magos no nacimiento de Christo nam renũciarão a astrologia, mudaramna. Antes de Christo nacer observavamse as Estrellas do ceo, despois de seu nacimiento observavamse as Estrellas de Christo: *De Christo est Mathesis hodie, Stellas Christi nõ Saturni, & Martis observat*. Parece que pera este dia forão cortadas estas palavras. *De Christo est Mathesis hodie*: a astrologia do dia de hoje he de Christo: *Stellas Christi non Saturni, & Martis observat*: nam observamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos juizos senhor tam errados como fabulosos seus nomes; observamos hũa Estrella de Christo, Estrella a quem todas demais adorão, que he, nam Joseph o filho de Jacob, senão Joseph o filho de David: *Joseph fili David noli timere*.

Sendo pois tam superior a Estrella deste dia, sendo tam divino o planeta deste nascimento, quaes seram, ou quaes serião suas influencias? Ora eu pera satisfazer a todas as obrigaçoens desta solénidade, & pera que com devoto agradecimento conheçamos os Portuguezes o muito, q̄ devemos ao divino Esposo da Virgem, pretendo mostrar hoje, com algũa evidencia, que a liberdade

Verdade a que esse Reyno se restituiu, & todos os bẽs, que com
ella gozamos, sam, & foram influencias de S. Joseph. Tudo o q̃
avia mister, & tudo o que podia desejar influio neste seu dia a
Portugal este soberano Planeta. Tudo o q̃ Portugal havia mis-
ter, & tudo o q̃ podia desejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque
ainda, q̃ na realidade hũa, & outra cousa tinhamos, nẽ o Reyno
fẽ Rey era Reyno, nẽ o Rey sem Reyno era Rey. Pois q̃ fes nes-
te seu dia S. Joseph? pera q̃ o Rey tivesse Reyno influio ao Rey-
no restituiçam de liberdade. E pera q̃ o Reyno tivesse Rey in-
fluio ao Rey calidades, & perfeições Reaes. Esta ferã a materia.
Pera fundamẽto, & prova de toda ella, nam quero mais, q̃ ame-
tãde das palavras do thema: *Ioseph fili David*. Todas as pala-
vras do Evãgelho serão prova destas duas: & estas duas palavras
serão reposta de todas as duvidas do Evangelho.

Ioseph fili David noli timere.

E Stando cuidadozo, & afligido S. Joseph entre as perplexi-
dades do Mysterio da Encarnaçam, cujos effeitos via, &
cujas cousas ignorava, dis o noſſo Evangelista, que lhe appareceu
hũ Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili David noli ti-
mere*. Joseph filho de David nam temas. Depois pôde ser, que
pondere, o nam temas, agora reparo sõmente no filho de Da-
vid. Filho de David Joseph a estas horas! com que fundamen-
to? se a soberania daquella profapia estava jã tam envelhecida,
ou tam envilecida em Joseph, que o sceptro real de David pella
injuria, & incõstancia dos tempos tinha jã degenerado em suas
mãos a instrumentos mecanicos, como lhe chama filho de Da-
vid o Anjo? chamelhe o que he, nam lhe chame o que foi, q̃ isso
jã nam lembra. S. Pedro Chryfologo respondeu a esta duvida
com hũas palavras, que sendo escritas em Italia ha oitocentos
annos, parece, que se escreveram em Portugal de tres a esta par-
te: *Videtis fratres in persona genus vocari, videtis in vno totam
profapiam nuncupari, videtis in Ioseph seriem davidici stemma-
tis jam citari trigesima octava generatione natus quomodo Da-
vid filius dicitur, nisi quia gentis aperitur arcanum, fides pro-*

missionis impletur. Largas mas divinas palavras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de David sendo a trigesima oitava geração daquelle Rey (dis Chrysologo) pera que se lembrasse o Santo das profecias antigas, & entendesse, que o Reyno de Israel tiranizado pellos Romanos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo successor, conforme o juramêto feito a el Rey David primeiro fundador daquelle coroa: *Iuravit Dominus David veritatem, & non frustrabitur eum de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Donde he bem, que notemos as palavras do juramento nas quaes dis Deos a David, que o fruto do seu vêtre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũa Raynha parece, que estava dito com propriedade: o fruto do teu ventre se tornará a assentar no trono Real, mas fallando com hũ Rey? fallando com David? sy: porque como dis Santo Ireneo, Tertuliano, & S. Agostinho, quis Deos significar, que quando o Reyno se restituisse havia de ser preferindo a linha feminina à masculina, como verdadeiramente aconteceu, porque ainda, q̃ Ioseph, & Maria erão filhos de David, Christo, que foi o Rey prometido era filho de David por Maria, & nam por Ioseph. O caso he tam semelhante ao do nosso Reyno, que não necessita de acomodaçam. De maneira, q̃ temos a restauraçam de hũ Reyno tiranizado, restituído depois de muitas geraçoens a seu legitimo Senhor preferindo na successão a linha feminina à masculina, & tudo conforme as profecias antigas, & juramêto do primeiro fundador do Reyno. Ha propriedade mais propria? pois estas forão as primeiras influências do nosso grãde Planeta. Pera q̃ o Rey, q̃ hoje nacia tivesse Reyno, influir ao Reyno restituçam de liberdade. E ninguem me diga, que se nam prova, q̃ forão isto influencias suas; porque os Planetas quando dominão influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & estas as calidades de S. Ioseph, nam se pode negar, que forão estas suas influencias.

Esta he a primeira rezam do *fili David*. Pera a segunda deficulto as mesmas palavras com diversa ponderaçam. Este Anjo, que

que aqui appareço a S. Ioseph, tornoulhe a apparecer outras tres vezes: appareceulhe em Belem quando lhe notificou que se desterrasse pera Egypto, Math. 2. appareceulhe em Egypto quando o avisou da morte de Herodes, Num. 19. appareceulhe no caminho de Iudea, quando o assegurou, q̄ podia ir viver a Nazareth; Num. 22. & de todas estas vezes nenhũa lemos, q̄ lhe chamasse filho de David. Pois se este titulo de filho de David o não dá o Anjo em nenhũa outra occasiam a S. Ioseph, neste caso de sua perolexidade, porq̄ lhe chama Ioseph filho de David; Varias razoões dam os Santos, eu darei tambem a minha, porque a quero provar. Chamou o Anjo a S. Ioseph nesta occasiam filho de David; porque se ouve o Santo nesta tam difficultosa acçam com tanta realeza de animo, que bem mostrava, que ainda, que a fortuna lhe tirara a coroa da cabeça, tinha muito de Rey no coraçam. Chamoulhe filho de Rey, porque vio, que se portara muito como Rey. Esta foi a segúda influencia, que disiamos do nosso Planeta Ioseph neste seu dia. Pera q̄ o Reyno tivesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeiçoões reaes. Bem conheço, que parece cousa difficultosa na acçam de hús ciúmes formar a idea de hum Principe perfeito, mas o discurso me desempenhará, & nam nos ha de defajudar o Evangelho. Vamos com elle.

Ioseph autem cū esset vir justus, & nollet eam traducere voluit occultè dimittere eam. Dis o Evangelista, que vendo S. Ioseph os indicios tam manifestos da Conceiçam de sua esposa, q̄ como fosse varam justo, & a nam quisesse entregar à justiça, pera que a castigasse conforme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diante. Húa grande implicaçam parece, que tem este texto. Que quer diser, que a nam quis entregar á justiça, porq̄ era justo? se dissera, que a nam quis entregar à justiça, porque era piadoso, entam parece, que estava mais propriamente advertido. Perdoar, nam accusar sam actos de piedade, nam sam actos de justiça. Pois porque troca o Evangelista os termos, & em ves de chamar a Ioseph piadoso lhe chama justo: *Ioseph autem cū esset vir justus?* Chama o Evangelista a S. Ioseph, justo, quando fazia húa tam grande acçam de piedade, porque como Ioseph tinha
tanto

tanto de Rey, *Ioseph fili David*, tinha obrigação de justiça a ser piadoso; & quem tem obrigação de justiça a ser piadoso, quando he piadoso, he justo. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he justiça.

Quis o bom Ladram, q̄ v̄ fassse Christo com elle de piedade, & disse assi: *Domine memeto mei vt cum veneris in regnum tuū*. Senhor lembraivos de my depois, que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque nam? A quem tanto padecia, nam lhe estava melhor o socorro antes mais cedo, q̄ mais tarde? si estava. Pois porque não dis lembraivos, Senhor, de my agora, senão depois de chegares a vosso Reyno? A rezão foi, dis S. Chrysofomo, porq̄ a lembrança, & piedade, q̄ o ladram pedia antes de Christo ser Rey, era favor, q̄ lhe podia fazer, depois de ser Rey, era justiça, que lhe nam podia negar. Foi tam astuto requerente o ladram, q̄ sendo a sua petição de misericordia, quis q̄ fosse o seu despacho de justiça. E como os Reys tem obrigação de justiça a ser piadosos, por isso disse, lembraivos, Senhor, de my, nam antes, senam depois de vires ao vosso Reyno, porq̄ a mesma piedade, q̄ antes de Christo ser Rey, era piedade, depois de ser Rey era justiça. He verdade que a miseria, q̄ o ladrão padecia era prezete: mas como a misericordia, q̄ esperava, antes de Christo Reynar, era voluntaria, & depois de reynar, devida, por isso regulou sabiamente o seu requerimeto, nam pelo tempo, em q̄ experimenta em sy a necessidade, senão pera o tempo, em q̄ considerava em Christo a obrigação. *Cum veneris in regnum tuum*. Nam peço a piedade pera agora, senam pera depois, q̄ estiveres no vosso Reyno; porq̄ ainda, q̄ eu a nam mereço agora, por ser culpado, vós ma deveis depois por seres Rey. E Christo, q̄ já na Crus era Rey, & Christo, que já na Crus estava no seu Reyno, q̄ he o q̄ fes? *Hodie mecū eris in paradiso*. O ladram pedia a piedade pera depois, porq̄ cuidava, q̄ Christo ainda nam era Rey, & Christo concedeu lhe a piedade logo, pera mostrar q̄ já o era. Hoje, hoje estarás comigo no paraizo. Como se disse ra o Senhor. Pedes me piedade a titulo de Rey, pois já ta doo, porq̄ já ta devo, Rey sou. E se a piedade nos Reys he dividida, se a

piedade

piedade nos Reys he justiça: que muito, q̄ se chamãse justo quando foi piadoso, quẽ tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili David*. Sendo piadoso foi justo, porq̄ perdoando a ofensa, que sospeitava, pagou o que devia a quem era. O perdam de sua espoza foram obrigaçoens de seu pay: *Ioseph fili David*.

Et nollet eam traducere, voluit dimittere eam. Nam a quis entregar à justiça, quis deixala, & irse. A segunda coufa em q̄ S. Ioseph mostrou ser filho de David, foi aquelle *nollet*, & aquelle *voluit*. Quis deixala, & nam a quis entregar. Quis, & nam quis? O quanto tendes de Rey, divino Ioseph! Em nenhũa coufa se mostra mais o ser de Rey, q̄ em ter querer. A liberdade da vontade humana como dizem os Theologos, consiste em hũa indifferença, q̄ se chama quero, ou nam quero. Tal ha de ser a vontade real: livre, & nam sojeita. O principe nem ha de ter a sua vontade sojeita a outrem, nem ha de estar sojeito á sua vontade. Se tẽ a sua vontade sojeita a outrem, nam he Rey dos seus, se està sojeito à sua vontade, nam he Rey de sy. Pois pera Reynar sobre sy, & sobre os seus, ha de ter a vôtade em hũa indifferença tam livre, & tão senhora, quẽ seja seu o querer, & seu o não querer, *nollet, voluit*.

Quis Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo, que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senão a David. 1. Reg. 18. Pois porq̄ rezam a David, & nam a Ionatas? Ionatas era hum Principe muito generoso, muito liberal, muito benigno, muito esforçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hũ Rey, q̄ pera o respeito dos vassallos importa muito. David pello contrario era hũ pastor, filho de outro, de quẽ se nam sabião mais talentos, que atirar hũa funda, & tocar hũa arpa. Pois porq̄ desferda Deos a Ionatas, & dá a coroa a David? Eu o direi. Dis o texto fallando de David, & de Ionatas: *Anima Ionatæ conglutinata est animæ David*: que a alma de Ionatas se atou à alma de David. De sorte, q̄ ainda, q̄ ambas as almas estavão atadas, a q̄ se atou foi a de Ionatas a David: & nam a de David a Ionatas. Advirtio o agudamente S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferre præstatiōris erat, non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem ut vinculis expedire se quodam modo non posset*. E como Ionatas

se atou a David, & David a Ionatas nam; por isso tira Deos a coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a David. Porq̃ Principe como Ionatas, q̃ ata a sua vontade à vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talento de Rey: & vassallo, como David, que nam sabe atar a sua vontade, à vontade doutrê, ainda q̃ seja hũ Principe este tem talento de Rey, nam tem talento de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades, seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor David. Rey que tenha a vontade atada a outrem, nam fas isso Deos.

E porq̃ rezam importa tanto, q̃ o Principe nam seja sogeito à vontade alhea? Por duas resoens, hũa da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porq̃ nam he Rey, he subdito: da parte do Reyno, porq̃ nam he Reyno, he confusam. Comessemos por este segundo. Quando o Sol parou às vozes de Iosué, acontecerão no mundo todas aquellas cõsequencias, que, parando o movimento celeste, considerão os Filozofos. As plantas por todo aquelle tempo nam crefferão: as calidades dos elementos, & dos mistos nam se alterarão: a geraçam, & corrupção, com q̃ se conserva o múdo, cessou: as artes, & os exercicios humanos de hũ, & outro emisferio estiverão suspêsos: os antipodas não trabalhavão, porq̃ lhe faltava a lus: os de cima cãfados de tam cõprido dia deixavão o trabalho: estes pasmados de verê o Sol, que se nam movia: aquelles tambẽ pasmados de esperar pello Sol, q̃ nam chegava: cuidavão, q̃ se acabara pera elles a lus: imaginavão, q̃ se acabava o mundo: tudo erão lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusõens. Que he isto? quem desordenou a compostura do Vniverfo, quem descompõs a harmonia da natureza? donde tanta desordem, donde tanta confusam ao mundo? Sabeis dôde? A Scriptura o disse em duas palavras: *Obediẽte Domino voci hominis*: Iof. 10. obedecendo Deos à voz de hum homem: E em hum múdo onde Iosue manda, & Deos obedece: em hũ múdo onde mãda o criado, q̃ avia de obedecer, & obedece o Senhor, q̃ avia de mandar, q̃ muito, q̃ aja confusõens, q̃ aja desordẽs, q̃ aja descomposturas: que muito, que nada creça, q̃ nada se obre.

obre, q̄ tudo vá pera trás: que muito, que os de cima triunfem, & os de baixo chorem: & que nascêdo o Sol pera todos, os de cima levem todas as luzes, & os de baixo todas as trevas?

Com grandes exemplos destes se tem infamado o mundo em todas as idades, & sem pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nem de Tiberio, os nossos olhos sam boas testemunhas. Nòs o vimos, & nòs o vemos. Pergunto, Portugueses, vós que vistes o que padecesteis, vós que vedes o q̄ gozais, dondê veo tanta differença em tam poucos annos? A differença nam a pondero, porque a vê os olhos; a causa porque a vê he só o q̄ pergúto. Sabeis porque? porque entam tinhamos hũ Rey fogeito a huma vontade alhea, hoje temos hũ Rey senhor das vótades alheas, & mais da sua: entam tinhamos hũ Rey cativo, hoje temos hũ Rey livre: entam tinhamos hũ Rey obediente, hoje temos hũ Rey obedecido: entam tinhamos hũ Rey senhoreado, hoje temos hũ Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo, (& he a segunda rezam,) porque o Rey fogeito á vontade alhea não he senhor: He Rey subdito, he Rey nam Rey.

Quando Christo foi levado ante Pilatos, perguntou elle aos ministros daquella justiça: *Quid vultis faciam de Rege Iudæorū?* Marc. 15. Que quer eis q̄ faça do Rey dos Judeos? Responderão os Escribas, & Fariseus: *tolle, tolle crucifige eum.* Ioan. 19. queremos, q̄ o crucifiqueis. E q̄ fes Pilatos? *Tradidit eum voluntati eorum.* Luc. 23. entregou o á vontade delles. Pergunto agora, quem fes maior injuria a Christo em quanto Rey dos Judeos, os Escribas, & Fariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissão? os Escribas em o pedirem pera a Crus, ou Pilatos em o entregar á sua vontade? Todos os Doutores cômumente condenão mais a Pilatos, & com muita rezaõ. Muito maior injuria fes Pilatos a Christo cõ sua permissão, do q̄ os Fariseus em sua petição. Porq̄ os Fariseus no q̄ pedião, mostravão q̄ Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos no q̄ permitia mostrava, q̄ Christo nam era Rey verdadeiro. Os Fariseus, mostravão que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo pera a Crus, & nam ha maior prova de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pi-

latos não que permitia, mostrava, q̄ nam era Rey verdadeiro, por
q̄ entregou a Christo à vontade dos seus, & nam ha melhor pro-
va de nam ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue à vontade
alhea: *Tradidit eum volūtati eorum*. Math. 17. E se nam vejamos
o q̄ se seguio. Tanto q̄ Pilatos entregou a Christo á vontade del-
les, immediatamente o vestiram de hũa purpura de farça, derão-
lhe hũ sceptro de cana, puferam lhe hũa coroa de espinhos, & fa-
ziam lhe grandes adoraçoens zombando: *Illudebant ei dicentes:*
Ave Rex Iudeorum. De maneira, q̄ antes de Christo estar sogeto
à vontade alhea, ainda em suas bocas era verdadeiro Rey: *Quid*
vultis faciã de Rege Iudeorũ? Mas tãto, q̄ o entregarão á vôtade
alhea, logo foi Rey de farça, & de zombaria: *Illudebãt ei dicētes:*
Ave Rex Iudeorũ. Rey entregue á vôtade doutré, terá purpura,
terà sceptro, terá coroa, terá adoraçoēs, mas a purpura não he pur-
pura, o sceptro he cana, a coroa espinhas, as adoraçoēs zóbarias:
Illudebãt ei dicentes: Ave Rex Iudeorũ. E como he tam grãde ca-
lidade de Rey ter a vontade sua, & nam sogeta; por isso o Anjo
chamou a S. Joseph filho del Rey David, quando o vio tam izen-
to senhor de sua vontade, que era seu o querer, & o nam querer:
Cum nollet eam traducere, voluit dimittere eam.

Hec autem eo cogit ante. Resoluto S. Ioseph a deixar sua espo-
sa, dis o texto, q̄ andava o Santo considerando: *Hec autem eo co-*
git ante. Esta consideraçam de S. Joseph me dà muito, q̄ confide-
rar, & q̄ reparar. Não estava já o Santo deliberado, & resoluto? Si
estava; q̄ isso quer diser aquelle, *voluit*, deliberação da vontade.
Pois se a vontade estava deliberada, & resoluta, q̄ he o q̄ confide-
rava Joseph? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou devem
fazer todos, mas depois de resolver considerar ainda? Si. Porq̄ as
materias de grande importancia (qual esta era) hamse de conside-
rar antes, & mais depois. Antes de resolver hase de considerar
o caso, depois de resolver, hase de cõsiderar a resolução. Esta dif-
ferença acho entre a Filosofia natural, & a moral, & politica; que a
Filosofia natural pede hũ conhecimẽto antes da deliberação: *Ni-*
hil volitum quin præcognitum, Prolog. A Filosofia moral, & po-
litica pede hũ conhecimento antes, & outro depois: hũ conheci-
mento

mento antes, que guie a vôtade a tomar a resolução, & outro conheci-
mento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assim o fez S. Joseph. Conheceu, & considerou primeiro, & logo resolveo, *voluit*; & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a considerar: *Hæc autem eo cogitante.*

Pecou Adam, escõdeuse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, dis o texto, Gen. 3. andava o Senhor passeado, & fallando comfigo no Paraizo: *Audivit vocem Dei deambulãtis.* As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos, porq̃ o fallar comfigo encontrava o attributo de sua sabedoria, & o passear de hũa parte pera a outra encontrava o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois q̃ obriga a Deos a fallar comfigo contra o attributo de infinitamente sabio? q̃ obriga a Deos a passear de hũa pera outra parte, cõtra o attributo de immutavel, ou immovel? Se vinha castigar a Adam, porq̃ o não castiga? Se vinha desterralo do Paraizo, porq̃ o não desterra? Porque? Porq̃ era materia grande, & quila Deos considerar primeiro. Por isso passeava sô, como péfativo: por isso falava cõfigo, como irresoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como avia procedido em o fazer. Quando o fez, fello cõ conselho: *Faciãmus hominẽ*: quando o desfes, desfello cõ consideraçam: *Audivit vocem Dei de ambulãtis.* Passear Deos de hũa pera outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas nam era senam honra. Cõ Deos ser por natureza immovel, & immudavel, hõrase muito de aver hũa cousa, q̃ o possa mudar, & mover, que he a razam, & como no cazo de Adam avia rezoës por hũa, & outra parte, por isso passeava Deos, & se movia de hũa parte pera a outra, porq̃ de hũa, & outra parte avia rezoës, q̃ o movessem. As rezoës, q̃ avia pera castigar, o levavão: as rezoës, q̃ avia pera perdoar, o trasião. Que me desobede-
cesse Adam! Heide castigalo. Esta rezam o levava. Que haja de deitar do Paraizo hũ homem, q̃ ainda agora pus nelle! Nam o hei de castigar. Esta rezaõ o trasia. Fazer hũ homem de nada, foi credito de minha bondade; desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçã, parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoo-lhe. Virava Deos o passeio. Mas q̃ hũ homem levãtado de nada se

atrevesse contra quem o criou! he grande soberba: & q̄ hũ homẽ
por pouco mais de nada, por hũa maçã, arrastase tantos respeitos!
he grande engratidam. Nam lhe heide perdoar. Tornava a vol-
tar Deos, & ir por diante. De maneira, que assi andava o supremo
Rey como fluctuãdo de hũa razaõ, pera outra, considerando an-
tes de resolver, & depois de resolver tornãdo a cõsiderar. Bẽ assi
como S. Joseph neste cazo. Hũa ves sobre cõsiderado resolutõ, &
outra ves sobre resolutõ considerado: *Hæc autem eo cogitante.*

Se fora noutra materia nam me espantara muito, mas em ma-
teria de ciúmes, em materia, em q̄ lhe nam hia menos q̄ honra, &
amor, q̄ nam se arrojasse Joseph, q̄ nam se precipitasse! grande ca-
pacidade de animo. Lá dis Christo, q̄ se hũ cego guia outro cego
ambos se despenhão: *Cæcus si cæco ducat ũ præstet, nõ ne ambo in
fureã cadẽt?* Mat. 5. Aqui guiou hũ cego a outro, & não se despe-
nhou nenhũ. O ciúme guiava a Joseph, o amor guiava o ciúme,
& sendo cego o ciúme, & cego o amor, nam forão bastantes dous
affectos cegos, & tam cegos pera q̄ a prudẽcia de S. Joseph se pre-
cipitasse. Disse affectos cegos, & tam cegos, porq̄ os ciúmes de S.
Joseph erão fundados nas evidencias do que vira, & não ha mais
perigosas cegueiras, que as que tem da sua parte os olhos. Dous
olhos, & dous cegos guiavão a Joseph neste cazo, õ que occasiam
pera hum precipicio! & que elle se tivessẽ tam firme nos estribos
de sua prudẽcia, que nem a vista lhe deslumbrasse a cegueira,
nem a cegueira lhe escurecessẽ a vista, pera que se arrojasse! grã-
de valor. Mas era Joseph filho de David, & quem tinha tanto de
Rey, como avia de ser arrojado?

Quizerão matar a Christo os de Cafarnaũ, & cõ este intento o
levarão a hũ mõte alto, pera dahi o despenharẽ. Que faria Chris-
to neste passo? Fessẽ invisivel, & passando occulto pello meio del-
les, escapou de suas mãos. Senhor, q̄ resoluçam he esta? Vós nam
viestes ao mũdo a morrer pellos homẽs? Si viestes. Luc. 4. Morrer
a mãos dos mesmos, por quem se morre, ainda he maior credito
do amor, q̄ seja o instrumẽto quem he a causa. Pois se tendes tam
boa occasiam de dar a vida, porq̄ a nam lograis? Porque fugis da
morte? Direi: Christo Senhor nõso no dia de sua morte tinha de-

terminado tomar o titulo de Rey, de que na vida fogira; estes ho-
mês querião o matar arrojando de hũ monte abaixo: *Vt precipi-
taret eum*, pois por isso o Senhor ainda q̄ desejasse muito mor-
rer, nam admitio este genero de morte; porque nam dizia bem a
acção de arrojado có o titulo de Rey, Rey, & crucificado, isso sy:
q̄ assás crus he o Reynar; mas Rey, & arrojado nam: porq̄ encon-
tra o titulo dessa crus. Là outra ves o diabo acóselhou a Christo,
q̄ se arrojasse elle: *Mitte te deorsum*, Math. 15. Estes homês aqui
quiseram no arrojar có suas mãos: *Vt precipitarent eũ*. Mas Chris-
to, nem se fogueitou a esta violencia, nem quis tomar aquelle con-
selho, porq̄ o Principe, nẽ se ha de arrojar a sy, nẽ o ha de arrojar
outrem. Nẽ por impeto proprio, nem por impulso alheo. E como
he tam grde parte de Rey nam ser arrojado, por isso S. Joseph o
foi tam pouco nesta occasiam, q̄ o achou o Anjo temeroso, quã-
do o pudera achar temerario: *Joseph fili David noli timere*. O
que glorioso nam temas! que deção Anjos a socegar temores
em lanço, que deverão decer a resistir temeridades? Mas assim
obra quem assim considera, & assim considera, quem he filho de
David: *Hac autem eo cogit ante*.

Jã reparámos no *cogitãte*, reparemos agora no, *eo*. *Hac autem
(eo) cogitãte*. Cõ ser hũa palavra de sò duas letras, tẽ muito q̄ re-
parar. Dis o Evãgelista, q̄ as consideraçõs, q̄ Joseph fazia sobre
este cazo, elle as discorria cõsigo: *Eo*, elle. Muito pôdera Euthi-
mio, q̄ as nam cõmunicasse có outrem, & tem rezam. Porq̄ o cui-
dado, & afflicçam de S. Joseph avia mister alivio, & remedio, o a-
livio estava na cõmunicaçam, o remedio no conselho; pois porq̄
se nam aconselha S. Joseph num cazo tam duvidoso; porq̄ o nam
cõmunica có outrem? Porq̄ em materias grãdes (como era esta)
muitas vezes importa mais o segredo, que a resoluçãõ E negocio
em q̄ importava tanto o segredo, nam fora S. Joseph filho de Da-
vid se o cõmunicara com outrem. Materias em que pôde ser pe-
rigosa a falta do segredo, nam ham de sair do peito do Principe,
nem pera o maior valido, nem pera o maior confidente, nem pe-
ra o maior amigo.

He certo, que pergũtou S. Joam a Christo quẽ era o traidor, q̄

o avia de entregar: he certo q̄ Christo lhe respódeo: he certo que dotmio reclinado em seu peito S. Joam; mas não he certo quando adormeceo. Pergũto, em q̄ ponto adormeceo S. Joam? Dizem algũs Doutores, q̄ adormeceo tanto, q̄ acabou de pergũtar; de maneira, q̄ quando Christo respódeo, já S. Joam estava dormindo. Fundão este parecer no texto; porq̄ dis absolutamente, q̄ nenhũ dos q̄ estavão á mesa soube o q̄ Christo disse: *Hoc autem nemo scivit discubentium*. Se nenhum; logo nem S. Joam. E se S. Joam, a que se disse, o nam ouviu: logo já estava dormindo. Pois q̄ misterio teve este sono subito? Que em tal occasiam nam podia ser a çazo. Porq̄ adormeceo S. Joam á resposta de Christo? O misterio foi este. Viose Christo Señor nosso naquella occasiam como em talas cóstrangido a faltar a hũa de duas; ou ao respeito de amigo, ou á obrigaçam de Rey. Se nam digo a Joam o q̄ me pergũta; fulto aos respeitos de amigo; se descubro hũ segredo de tãta importãcia; fulto ás obrigações de Rey; pois q̄ remedio pera nam faltar ao amor, nem ao segredo? O remedio foi ordenar Christo, que S. Joam adormecesse, tanto q̄ pergũtou, pera q̄ nam pudesse ouvir o mesmo, q̄ lhe respódia. E desta maneira ficou o Senhor satisfazendo juntamente ás obrigações de Rey, & aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo, porq̄ respondeo ao q̄ Joam lhe pergũtara: & ás obrigações de Rey, porq̄ nam cómunicou o q̄ convinha encobrirse. De sorte, quena boca de Christo, & nos ouvidos de S. Joam esteve o segredo juntamente encuberto, & revellado: Revellado na boca de Christo, como segredo de amigo; encuberto nos ouvidos de Joam, como segredo de Rey. Tãto devê os Principes recatar algũ segredo, ainda dos maiores privados, qual era Joam. E se nam considerêse os incóvenientes, q̄ do cótrario se seguião. Se o Senhor descobrira o segredo a Joam, Joam aviao de dizer a Pedro, q̄ pera isso o pergũtava: se Joam o dizia a Pedro, Pedro avia de matar a Iudas, que a esse fim o queria conhecer: se Pedro matava a Iudas, nam se executava a veda, & morte de Christo: & nam morrendo Christo ficava impedido o remedio do mundo, o genero humano sem redempção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha maiores inconvenientes? De maneira,

que

que de se conservar aquelle segredo, q̄ nam parecia nada, dependo a conservaçam do imperio de Christo. Nam importa menos hum segredo, que hum imperio. *omnibus me v. Romo. 3.*
Tanto q̄ Christo espirou, rasgouse o véo do templo, em final de q̄ também a sinagoga espirava, & se acabava a Monarquia Hebraea, Matth. 27. Assi o dizẽ todos os Doutores, mas eu replico. O final sempre hade ter proporçam cõ o q̄ significa, & muita, se he natural; pois q̄ proporçãõ tinha rasgar-se o véo do tẽplo cõ se aver de acabar o imperio da Sinagoga? Grãde proporçãõ, dis. S. Leam Papa. *Sacrum illud mysticumq; secretũ, quod solus Sũmus Pontifex iussus fuerat intrare, nesciatũ est.* Aquelle véo do tẽplo era a cortina, q̄ cobria o Sãctasãctorũ, onde estavãõ escõdidos os segretos, & mysterios daquella ley, vedados a todos, & sãõ ao Sũmo Sacerdote permitidos, & por isso tinha grãde proporçam rasgar-se o véo do tẽplo pera significar, q̄ se acabava a Sinagoga, porque nam ha mais proprio final de se acabar hũ Imperio, hũa Monarquia, q̄ romper-se as cortinas dos seus mysterios, & rasgar-se os véos de seus segredos. Os Reynos, & as Monarquias sustentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiro; & se se manifestaõ seus mysterios, mal os defendem suas verdades. A opiniam he a vida dos Imperios, o segredo he a alma da opiniam. A prevençam sabida ameaça a huma sãõ parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendem a attençam do inimigo, manifestos sãõ a guia mais segura de seus acertos. Reyno, cujas resoluçoens primeiro forem publicas, que executadas; õ que perigosa conjectura tem de sua conservaçam! *o. sob. 1. m. 3. 3.*

Que bẽ entendia esta politica el Rey David. Levantouse Absalam com o Reyno, começou a fazer grandes levas de gẽte, grãdes exercitos cõtra David; & David q̄ faria cõtra Absalam? Chamou Chufay hũ grande seu cõselheiro, disse-lhe, q̄ se passasse a cõfidencia de Absalam, & q̄ como fosse admittido aos cõselhos, lhe revellasse por vias occultas, tudo o que lá passasse: *Omne verbum quod dũm; audieris de domo regis judicabis.* Isto fes David, & não fes mais. Pois David, se vem cõtra vós tantos exercitos de Absalam, porq̄ nam fazeis tambẽ exercito? E já q̄ vos descuidai de estas

prevenções, a q̄ fim mãda is lá Chusay? Que ha de fazer hũ homẽ
cõtra Absalam? Obrou David como soldado tam experimẽtado,
& como Rey tam politico. Querendose opor ao poder de Absa-
lam, tratou sobre tudo de lhe meter hũ cõfidente seu no cõselho,
porq̄ entẽdo, q̄ maior guerra fazia a Absalam cõ hũ homẽ, q̄ lhe
rõpesses os seus segredos, q̄ cõ muitos mil homẽs, q̄ lhe rõpesses
os seus exercitos. Hũ exercito roto podese refazer, mas hũ segre-
do roto nam se põde remediar. Hũ exercito roto podese refazer
cõ soldados, hũ segredo roto nam se pode soldar cõ exercitos.
Qualquer grãde poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fra-
queza cõ segredo he grãde poder. Em quãto Sansam encobrio o
segredo dos seus cabellos, destruiu exercitos inteiros; como des-
cobrio o segredo a Dalida, cortaraõlle os cabellos os Filisteus, &
poderão atar aquellas valẽtes mãos, de quẽ tãtas vezes forão vẽ-
cidos. O q̄ grande exẽplo do poder do segredo! De maneira q̄ se-
te cabellos, cõ segredo, fazião tremer exercitos armados; & esse
mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados, sem segredo,
bastou hũ golpe de hũa tesoura pera o desbaratar. Por isso David
cõtra Absalam tratou de lhe cõquistar os segredos, & nam de lhe
vencer os exercitos. E se tãta estimaçam fazia de hũ segredo Da-
vid, porque era Rey, que muito, que fisesse tãta estimaçam do se-
gredo Joseph, porque era filho de David? *Ioseph fili David.*
Fes tam grande estimaçam do segredo Sam Joseph, que
nam sõmente o nam fiou de outrem; mas tambem nam o fiou
de sy. Pera bem se guardar o segredo, nam sõ o avemos de
recatar dos outros, mas tambem o avemos de recatar de nõs. O
meu segredo ha o de saber algũa parte de mĩ, mas todo eu nam o
ey de saber. Ey de fazer hũ repartimento entre eu, & mĩ, & se o
fouber ametade de mĩ, nam o ha de saber a outra ametade. Pare-
ce doutrina paradoxã, & he cõselho expresso de Christo: *Cũ fa-
cis elemosinã, nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.* Quã-
do fizeres algũa esmolla cõ a mam direita, nam o faiba a mam es-
querda. Pergũto; & porq̄ nam disse Christo, quãdo fizeres algũa
esmolla com a mam esquerda nam o faiba a mam direita? Porq̄ a
mam direita he mais nõbre, a mam esquerda menos: & da mais
nobre

nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguém, mas avêdo de ser, ás maiores calidades. Dis, pois, Christo: O q' souber a mão direita, nam o saiba a esquerda. Como se differa: avêdo de fazer hũ repartimento entre vós, & vós, & o segredo que souber a quella ametade, q' chega da mão direita até o coração, nam o saiba a outra ametade, q' chega do coração até a mão esquerda. Alli o fess S. Joseph: O seu segredo sabia o parte de S. Joseph, mas todo S. Joseph nam o sabia. Sabia o a parte mais nobre, d' alma, cõ suas potências, mas nam o sabia: a parte menos nobre do corpo com seus sentidos. Sabia o as potências d' alma, por q' o sabia a vôtade, *Noluit*, & o intendimento, *cogitante*, mas não o sabião os sentidos do corpo, por q' nem a boca promittiu, né os olhos o significarão, né em outro algũ sentido se vio indicio. Dõde se verá a rezaõ por q' o Anjo appareceo a S. Joseph em sonhos: *Angelus Dñi apparuit in somnis Ioseph*. E por q' nam acordado, senam dormindo. Por q' como S. Joseph fira o segredo tô às potencias d' alma: & nam aos sentidos do corpo, aguarde o Anjo a que os sentidos estivessem dormindo p'p'ia a acudir ao remedio, sem violar o segredo: *Angelus Dñi apparuit in somnis Ioseph, quod nulli fuerat ipse cõfessus, sed inclusum tantummodo mente voluebat*; disse advertidamente Sam Joam Chryfostomo: Tanto recato guardou S. Joseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo. *Deo & omni Reuoluo obediens simio*. *Hec autem eo cogitante, ecce Angelus Dñi apparuit in somnis Ioseph*. Está do S. Joseph cuidando nestas coulas appareceulhe hũ Anjo em sonhos, dis o E vāgelista. Notavel cõsequencial. Se sonhava, logo dormia, & se dormia, como cuidava? Dormir, & cuidar juntamente, parece q' não pode ser. Pois se estava cuidando: *Hec autem eo cogitante*, como estava juntamente dormindo: *Ecce Angelus Dñi apparuit in somnis Ioseph*? Dormia, & mais cuidava S. Joseph, por q' era filho de David. Esta differença fã os sono dos Principes: ao dos outros homẽs; q' os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hũ sono d' svelado, he hum dormir cuidadofo, hum descansar inquieto, hum descansar advertido, hum descuidarse vigiando. Nos outros homẽs

o sono he prisão dos sentidos; nos Reys he dissimulação sômente. Por isso ao Leão lhe derão o Imperio dos Animacs, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coração. *Ego dormio, & cor meū vigilat*: dizia o Rey mais sabio. 1001 sup obertol o 33, 20v 33, 20v

Dormindo estava Faraó, quando vio aquelle sonho admiravel das sete vacas fracas, q̄ comião as sete robustas, Gen. 42. em q̄ se significavão os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q̄ avião de succeder no Egypto. Era Rey; por isso lhe inquietavão o sono estes cuidados. Quatorze annos antes levava Faraó adiaãta do o governo de seus vassallos, & já entãõ sonhava cõ seus bês, & o desvellavão seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homês, o sono he hã morte: nos Principes o sono saõ duas vidas. Pharaó acordado vivia no tẽpo presente, dormindo vivia no presente, & mais no futuro: no presente por duraçam, no futuro por cuidado. Mais via Pharaó dormindo com os olhos fechados, q̄ acordado cõ os olhos abertos: acordado cõ os olhos abertos, via o q̄ já era, dormindo cõ os olhos fechados, via o q̄ ainda não era, sô porq̄ avia de ser. Fechou os olhos pera dobrar a esfera da vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar, cõ os olhos fechados alcãçava grãdes distãcias de tẽpo. Assi dormia o Rey do Egypto Pharaó. E o Rey dos Assirios, Nabuco, como dormia? Dormia sonhado cõ o seu Reyno, & cõ os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua, que representava os quatro Imperios dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos, Dan. 3. O corpo estava descuidado, cõ os sentidos prezos, & a alma andava cuidadofa, levãtando, & derrubando estatuas, fantasiãdo Reynos, & Monarquias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, q̄ acordado: porque acordado cuidava no governo de hũ Reyno, & dormindo imaginava a successã de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assirios, q̄ cõ o metia cõ o Imperio dos Persas, cõ o dos Gregos, cõ o dos Romanos? Quẽ? A obrigaçam do officio q̄ tinha. Era Rey, & quem quer cõservar o Reyno proprio ha de sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio hade ter cuidado, & os Reynos alheos lhe ham de dar cuidado. Ninguem gover-

governou bem o seu Reyno, que nam attendesse ao governo de todos. O bom Rey tem por esfera o mundo. He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os Reynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuidar nam he contrariedade nos Reys, senam natureza, ou obrigaçam quando menos, tendo S. Joseph tanto de Rey, nam he muito que estivesse cuidando, & dormindo juntamente: *Hæc autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.*

Ora eu não me espanto tanto de que S. Joseph dormindo cuidasse, senam de que cuidando dormisse. Que dormindo pudesse ter tais cuidados nam me espanta, mas que tendo taes cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he, q̄ tão mostrou S. Joseph a realza de seu animo em dormindo poder ter taes cuidados, como em tendo taes cuidados poder dormir. No meio dos maiores cuidados ter magnamidade de coraçam pera dar algum alivio aos sentidos tambem he parte de Rey.

Transfigurou se Christo no monte Tabor, Mat. 17. dando hum bõ dia a sua humanidade sagrada, o melhor q̄ nesta vida teve; acçã em q̄ sempre reparei muito, nam tão pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo, em que Christo se transfigurou, foi, quando trazia mais entre mãos os negocios da redempçam do mundo, & andava em vesporas de a concluir, como bem mostrarão as praticas, q̄ teve com Moyses, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hũ negocio de tanta importãcia entre as mãos, se andais em vesporas de cõcluir nam menos, q̄ a redempçam do mudo, como vos ides ao retiro do monte Tabor? Como tomais horas de recreaçã? Como vos pondes a ouvir vozes do Ceo? No meio de tam grandes cuidados esse divertimẽto? Si. Foi Christo alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente tratava o negocio da redempçam, pera mostrar q̄ não he cõtra a obrigaçam de Rey, nem de Redemptor, no meio dos maiores cuidados tomar hũ dia de monte: *Duci in montana pars regni est:* disse discretamente S. Hieronimo. Tomar hũ dia de monte, tomar hũa hora de recreaçã, no meio dos maiores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar pera cançar mais, antes he ambiçãõ de trabalho,

lho, q̄ desejo de descanso. Quando as potências d'alma estam tam fatigadas, justo he q̄ se dê algũ alivio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palavras do Santo: *Pars regni est*. Se dissera S. Hieronimo, q̄ os moderados passatempos, sã privilegios das Magestades: se dissera q̄ sã gages do poder supremo: que sã divertimentos licita, & honestaméte soberanos, bem estava. Mas dizer, que sã calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est?* Si. Porque o principal attributo de reynar he attender ao cuidado do Reyno, & tambem he parte de attender aos cuidados, descuidarse por hũ hora delles. Pera digerir o negocio, he necessário desafogar o animo: parte he logo de cuidado o divertir-se, quãdo o recriar os sentidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra prova mais, q̄ a do nosso Evãgelho. Dous estados teve S. Joseph neste seu cazo, hũ de cuidadoso, quãdo imaginava, outro de divertido, quãdo dormia. Pergunto, E quando resolveo S. Joseph o negocio, q̄ tanta pena lhe dava? Quando? Quando se divertio hũ pouco d'elle. Quãdo cuidadoso imaginava, tudo eram duvidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades: quando se divertio hũ pouco dormindo, serenaram-se as tempestades do animo, & desfes a verdade a confusam, que o trazia perplexo. De maneira que o demasiado cuidado lhe embaraçava a resoluçam, & o moderado descanso lhe resolveo o cuidado. Quando deu a recreaçam aos sentidos, entam achou a soluçãõ dos negocios: *Ecce Angelus Dñi apparuit in sonis Ioseph*. E como he parte de Rey, no meio dos maiores cuidados, tomar algum descanso: por isso o Anjo quando achou dormindo a S. Joseph, no meio dos seus lhe chamou filho del Rey David: *Ioseph fili David noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta, q̄ foi Pera q̄ o Reyno tivesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeições reaes. Na applicaçam dellas se me offerecia agora larga materia a hũ agradavel discurso, se prégara noutro lugar. Mas acontece hoje o q̄ a Plinio com a Magestade de Trajano, q̄ a presença de tam moderado Principe lhe impedia a maior parte de sua oraçam quasi offendêdo-cõ o silencio suas virtudes, por nam offender com o discurso sua modestia: *Oratione meam ad modestiari*

tiam Principis, moderationemq. submittam, nec minus considerabo quid aures ejus pati possint, quam quod virtutibus debeat.
Ph. E. assi pera que os louvores se jáo sô de S. Joseph, & pera que se nam falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido das obrigações, q. lhe devemos; saibamos, que nam sô forão influencias deste benigno Planeta as calidades do nascimento, senam a conservaçam da vida, que sua Magestade logre por compridissimos annos, pera que contemos muitos dias destes. Nenhú Rey teve mais arriscada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys que no nascimento de Christo o adorarão, porque estavão debaixo da jurdiçam de Herodes, & fogcitos às temeridades de sua tyrania. Com tudo Deos os levou por taes caminhos, q. elles cõservarão as vidas, & se restituirão a seus Reynos. Matth. i. Mas porque merecimentos? Ouvi hũas palavras de S. Hieronimo de poucos atè hoje bem entendidas. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsam Dominum, ut meritorum Ioseph privilegium demonstraretur.* Ensinoulhes Deos imediatemente o caminho por onde se avião de restituir salvos a seus Reynos, porque se vissem os privilegios de S. Joseph: *Vt Ioseph privilegium demonstraretur.* Salvaremse os Reys a pezar do tyrano, privilegio dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como dis S. Hieronimo, que nam foi senam privilegio de S. Joseph: *Vt privilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Joseph era do Real sangue de David, ainda por força natural do sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao patrocínio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os Reys, fallo pellos privilegios de S. Joseph. Dos Reys foi o beneficio, mas de S. Joseph foi o privilegio: *Vt Ioseph privilegium demonstraretur.* Assi q. conservar sua Magestade a vida, a pezar do tyrano dentro em suas proprias terras, & restituirse a seu Reyno por caminhos taõ outros do que se podia esperar: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam,* fortunas sam de sua Magest. mas forão privilegios de S. Joseph: *Vt Ioseph privilegium demonstraretur.* A S. Joseph devemos a vida, & os annos do Rey, que nos deu em seu dia.

Mas quero eu por fim, que advirtamos, que ainda q. nos deu o

Rey

Rey, & os annos, mais lhe devemos pelos annos, q̃ pelo Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeo por falta de Rey; perdeose por falta de annos. Nam se perdeo por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeo: nas mãos del Rey Dó Sebastiam, & nas mãos del Rey Dó Henrique. Perdeose porem por falta de annos; porque el Rey D. Henrique tinha tantos, que nos nam pode deixar successor: & el Rey D. Sebastiam tinha taõ poucos, que sem nos deixar successor se foi matar a Africa. E como o Reyno se perdeo por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam devemos tanto a S. Joseph pello Rey, como pellos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o aviamos mister. Nem tam poucos annos, como os del Rey D. Sebastiam, porque avia mister mais annos o governo: nem tantos annos, como os del Rey D. Henrique, porq̃ avia mister menos annos a successam. Hum Rey que tivesse vivido os annos que bastassem pera a experiêcia, & que lhe faltassem por viver os annos, que sam necessários pera a conservaçam. Annos maduros pera o cõselho, efficaces pera a execuçaõ, robustos pera o trabalho, fortes, & animosos pera a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos; que debaixo do patrocínio de Joseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tempo. Pharaõ sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocínio de Joseph, & todos os quatorse annos forão de fartura. De maneira q̃ na previsam do Rey avia annos felices, & infelices; mas na protecçaõ de Joseph os felices, & os infelices todos forão ditosos. Assim seram os annos q̃ esperamos (por mais q̃ o mundo padeça calamidades) felices todos por favor de S. Joseph: felices na vida de suas Magestades, & Altezas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na conservaçaõ, & perpetuidade do nosso Reyno: felices em fim na reformaçam dos costumes, & augmento das virtudes

Christãs, por meio da graça. *Quam mihi,*

& vobis, &c.

LAVS DEO.